CORRESPONDÊNCIA

A. J. F. — Lisboa. — Efectivamente, a Psicologia Moderna requere alguns conhecimentos de Anatomia e Fisiologia do Cérebro, e também um razoável conhecimento das hormonas. Sôbre estas últimas pode consultar, com proveito, «*Les Hormones*», de Remy Collin, na colecção «Sciences d'aujourd'hui», ed. Albin Michel, Paris; quanto à anatomia e fisiologia do cérebro a literatura de iniciação, de vulgarização, e sobretudo de adaptação à Psicologia não abunda. Lhermite tem um *Precis d'Anatomo-physiologie normale et pathologique du système nerveux central,* ed. Gaston Doin, optimo, mas muito extenso; o melhor que conheço para o fim em vista é o que vem no I vol. do *Traité de Psychologie* de Dumas. Em Portugal, nada. «Síntese» vai precisamente suprir esta falta já no seu próximo número.

L. M. D. — Porto. — O número de teorias construídas para uma explicação da mecânica dos fenómenos anafiláticos é tão elevado, e essas teorias são, por outro lado, tão variáveis, que nos dão a nítida impressão de laborarmos às cegas num campo bem misterioso. A meu ver, tôdas essas teorias teem seu quê de inconsistência, e não devem ser admitidas senão provisòriamente, sob muita reserva. Temos a teoria de Richet, que atribue a anafilaxia à acumulação dum veneno no organismo; a de von Pirquet e Schick que a atribue a uma combinação brusca entre o antigénio e o anticorpo; a de Besredka (formação duma sensibilísina e combinação desta, ao nível das células nervosas, com o antigénio); a de Nicolle, que faz intervir fenómenos de lise; a de Biedl e Kraus, que se afasta de tôdas as outras por considerar quási nula a acção do sistema nervoso; a de Kopaczewski, a de Widal, Abrami e Brissaud, a de Bordet, a de Lumière... Como se vê, teorias não faltam. Pode consultar «*Bactereologie*», de Dopter et Sacquépée, que é um resumo muito claro e suficiente para uma «vista geral», como o senhor diz.

L. C. C. N. — Faro. — Não é assunto a que se possa aqui responder. O facto de eu lhe ter particularmente anunciado esta secção, não o autoriza a requerê-la tôda para as suas preguntas. Está desculpado. Por muito boa vontade que tenha, não posso «em meia dúzia de linhas» explicar-lhe o que é o *ciclotrão,* sob pena de deixar o meu amigo tão ilucidado como antes. Porém, no próximo número publicaremos um artigo sôbre o assunto que é, de resto, da maior actualidade e do máximo interesse científico. Mas sempre lhe vou já dizendo que o *ciclotrão* é um aparelho destinado a imprimir ao electrão uma velocidade que êle tomaria se fôsse possível submetê-lo à acção dum campo electro-magnético de 16.000 volts.

A. M. — Portalegre. — Não mande mais versos... e muito menos versos de amor... e muito menos ainda versos de amor como o seu «Sonho». Há coisas que se fazem mas não se dizem... por uma questão de estética, de elegância.

S. F. A. — Lisboa. — Há revistas literárias em que a sua produção de contos e novelas teem melhor cabimento que na «Síntese». O nosso programa é outro, e tem de ser realisado. Lamento.

J. R. M. — Évora. — Se a sua tese é de facto original e de valor, e se, por outro lado, estiver no espírito que nos orienta, podemos publicá-la.

— Há de facto dificuldade em obter boa colaboração: aos rapazes de boa vontade falta cultura, aos rapazes cultos faltam qualidades de síntese e de exposição; e falta, a quási todos, o sentido da auto-crítica.

— Não, o programa de «Síntese» não está ainda em plena efectivação. As dificuldades a vencer são múltiplas e só uma grande persistência e uma grande vontade nos vai levando, pouco a pouco ao fim que temos em vista.

H. H. — Silves. — Sem dúvida, os livros do Abade Moreux são muito interessantes, e nada me impede de lhos aconselhar... Nada me impede, também, de lhe aconselhar que prefira outros, doutros autores mais competentes e que menos falseiam o seu papel de divulgadores.

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA